

Diamantina, cidade de Juscelino, convive com a decadência da mineração

por César Felício
de Diamantina

“Se eu fizer um pouco do que Juscelino fez, ficarei feliz”, afirmou o presidente Fernando Henrique Cardoso no momento de maior reverência ao passado desde o início de seu governo. Em sua curta viagem de duas horas a Diamantina (MG), cidade natal do ex-presidente Juscelino Kubitschek e principal localidade do Vale do Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do mundo, Fernando Henrique visitou a casa onde nasceu Juscelino, acompanhado da filha do antigo político mineiro, Márcia Kubitschek, do governador, Eduardo Azeredo, e de diversos políticos que conviveram com o falecido presidente.

Da passagem de Juscelino pela Presidência restam poucos sinais em Diamantina. Há uma construção pomposa de Niemeyer, o decadente Hotel Tejuco e um dos orgulhos da cidade, a Faculdade de Odontologia. Da última visita de JK como presidente a Diamantina, em 1958, até a vinda de Fernando Henrique, a cidade afundou na pobreza. Segundo o prefeito Iralva Pires (PMDB), no mês de janeiro a arrecadação de ICMS do município foi de pitos R\$ 50 mil, uma insignificância diante, por exemplo, dos R\$ 2 milhões conseguidos por Ouro Preto.

Jamais se construiu qualquer outra alternativa econômica além da lavra de diamante. Imortalizado na história pelos excessivos gastos pelo contratador de diamantes João Fernandes para a sua amante Xica da Silva, no século XVIII, hoje o garimpo é responsável pela devastação ambiental do Vale do Jequitinhonha. De um total estimado em 19 mil garimpei-

ros, apenas 800 estão fora da ilegalidade.

O presidente Fernando Henrique limitou-se a ouvir as reivindicações dos dezesseis prefeitos do Vale do Jequitinhonha, que tiveram 15 minutos para expor seus problemas ao chefe da Nação. De concreto, receberam a promessa do governador mineiro de que se negociará a inclusão da região no âmbito da Sudene, como forma de incentivar investimentos.

Em sua preleção a professores em uma escola da periferia da cidade, Fernando Henrique advertiu: “Não há milagres na área social. É preciso afastar a demagogia”. Aproveitou para dar uma estocada no Poder Legislativo. “Já briguei muito com o Congresso. Falaram que eu estava contra o povo. Mas eu disse não hoje para dizer sim amanhã”, referindo-se ao salário mínimo de R\$ 100 que foi obrigado a vetar. E prometeu: “Eu vou segurar o real”.

Aos jornalistas, ele evitou qualquer tema fora da razão de sua viagem: a abertura da campanha pela melhoria da educação “Acorda Brasil”. Mas não se furtou a comentar que os aplausos que ouvia do povo de Diamantina eram um sinal de que a queda de popularidade mostrada por alguns institutos de pesquisa era “conversa”. Ele destacou a validade de outra pesquisa, publicada anteontem, que mostra uma maioria popular a favor da quebra de monopólios: “Assim fica mais fácil convencer o Congresso”, afirmou.